

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Telefone 12
Depositiário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 140 — Domingo, 12 de Fevereiro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A CONSTRUÇÃO da doca de pesca

O GRANDE matutino da Capital «Diário de Notícias», publicou, num dos seus últimos números, um interessantíssimo artigo sobre a nossa doca de pesca, em que se focam, também, outros problemas da maior importância para o desenvolvimento da nossa terra. Todos eles já têm sido debatidos nas modestas colunas do «Notícias do Algarve». Alguns, felizmente, já se encontram em vias de solução; outros há, todavia, que continuam emperrados, prejudicando gravemente os interesses e a economia não só desta vila como de uma grande e importante região. Por isso, e rendendo homenagem ao «Diário de Notícias» pela forma como se fez eco das aspirações de Vila Real de Santo António, dele transcrevemos, seguidamente, com a devida vénia, o oportuno escrito.

Dada a sua categoria de porto comercial e piscatório, o mais importante do Sotavento do Algarve, com excepcionais condições para tornar-se o verdadeiro emporio do Sul de Portugal, Vila Real de Santo António, a «vila do Marquês», não atingiu ainda o grau de progresso a que tem jus. Para se avaliar quanto este porto representa como fonte de riqueza

regional e nacional, bastará saber que, no ano findo, as vendas de peixe na lota foram de 44.000 contos — pesca das traîneiras, cercos e artes menores — montante que compreende cerca de 8.500 contos da lota do atum, cuja venda e fabrico tem nesta vila o seu principal centro pelo seu valor e reputação.

Reconhecendo-se o muito que se tem feito no sentido de valorizar esta terra, átrio de entrada em Portugal pela fronteira do sul, tanto no aspecto urbanístico como no portuário — o que se deve sobretudo ao ilustre ministro das Obras Públicas, sr. eng. Arantes e Oliveira —, é de assinalar que muitos outros problemas, na sua maioria já equacionados, aguardam solução. Por ordem da sua importância citaremos, entre os de maior projecção para o desenvolvimento do porto e melhoria económica da sua laboriosa gente, a construção da doca de pesca. Uma vez que já foi aprovado pelo Governo o seu projecto e,

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Questionário

O dia é claro
os olhos são turvos.

Há flores para colher.
Falta, para colhê-las,
alegria.

Em função de que
tudo está feito?
Que lucro transcendente
vale o desencontro?

Em que terra,
em que fosso
mora a chave
que me dá a razão
de ser triste e doente
o alongado pregão
da alegria fremente das la-
ranjas?

Reportagem

A néon
corrido e velado:
«Flórida-Bar».

Afluem
dos bairros distantes
rios que a miséria
aponta ao bar.

À porta
de ambos os lados da rua
Packards imperiais
Formam a guarda de honra.

Numa exposição

Oh!, certamente
algo em mim se perdeu.
Algo em mim a geada
aniquilou.

Sim, acredito agora.
(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

AS MINAS DE ALCOUTIM E A HISTÓRIA DE UM PAXÁ SERTANEJO

QUE EXPLOROU UMA DELAS E TEVE UM FIM TRÁGICO

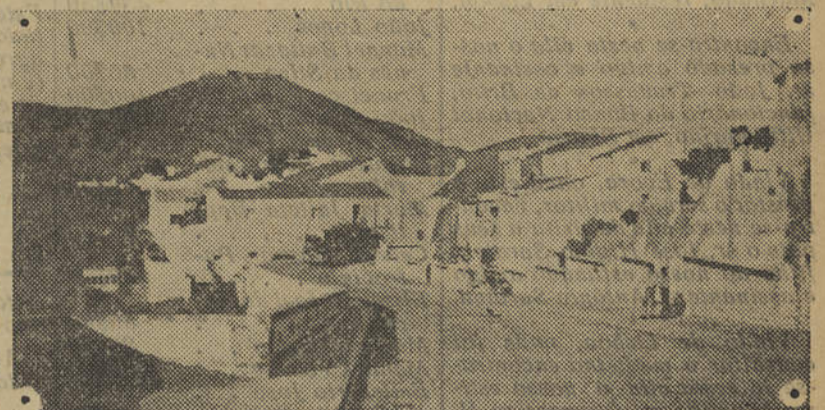
CÁ estamos novamente a falar das minas de Alcoutim, terra que foi objecto de uma interessante crónica do meu bom amigo e comprouviano, sr. eng. J. Silva Carvalho, competente técnico de minas, que nos forneceu elementos interessantes sobre o assunto.

O que vai ler-se foi-nos sugerido pela leitura do trabalho dos srs. engs. Albertino Adélio Rocha Gomes e Fernando José da Silva, intitulado «Prospecção de pirites no Baixo Alentejo», e também por uma carta do sr. António Baptista Silva, de Cortes Perreiras, que tenho em meu poder há um par de anos.

Continuamos convencidos de que toda a região que se estende de Castro Marim a Alcaria Ruiva possui jazigos de minérios que ainda não foram localizados, talvez por serem profundos e por grande parte da região, especialmente a zona algarvia, nunca ter sido estudada e muito menos prospectada por técnicos. Os raros afloramentos conhecidos são testemunho do que dizemos e há a acrescentar a ocorrência do concelho de Alcoutim estar situado, mais ou menos, no prolongamento da riquíssima zona mineralizada de Huelva, que aflora, em grande possança, no nosso território, em S. Domingos, Aljustrel e Lousal. E não é só a nossa ignorância a pressentir os valores ocultos sob os mutilados e ressequidos xistos do concelho de Alcoutim. Os próprios autores do trabalho a que acabamos de fazer referência formulam esta interrogação sensata: «Se em Espanha, numa extensão comparável à da faixa pirítica portuguesa, ocorrem mais de 40 jazigos, porque aceitar que a Natureza apenas nos tenha reservado 6?»

E ainda no mesmo trabalho, depois de se ponderar que foi a erosão que pôs a descoberto os actuais jazigos, «existindo provavelmente muitos depósitos cujos cumes ainda não foram expostos», acrescenta-se: «O mais natural será que as massas minerais, se existentes, se encontrem a profundidades e em condições geológicas tais que não provoquem anomalias electromagnéticas suficientemente claras e pronúncia»

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



Vista parcial de Alcoutim cabeça de um concelho onde dormem inexploradas riquezas minerais

ENTRE DOIS FOGOS

Por GEORGE FRIEDMANN

A GRANDE Revolução Francesa foi, na sua profundidade, preparada anteriormente pelas transformações de produção agrícola e industrial, a dissolução progressiva das instituições feudais, a maturação da burguesia urbana, as correntes de pensamento tão numerosas e diversas dos escritores ou dos filósofos. Entrelaçamento de causas de uma prodigiosa complexidade. Os historiadores do pormenor, estes co-cachinhos do passado, privados de todo o método, não cessaram de lhe destrinçar, uma por uma, todas as fibras secretas. E, entretanto, quando o povo de Paris se lança ao assalto da Bastilha, um período novo vem interromper o «dever» em que as contradições

se degladiavam continuamente. A crise, uma das enormes mutações bruscas da história, está aberta. Reservadas todas as proporções, a crise económica mundial estava também preparada de muito longe. Para lhe discernir as causas, seria preciso subir mais alto que 1914, até aos inícios do imperialismo. Certos grandes países viam já, desde o armistício, num estado de enfermidade crónica. Portanto, quando na quinta-feira, 24 de Outubro de 1929, o pânico estala na Bolsa de Nova Iorque, pode dizer-se que principia uma nova fase na história mundial do lucrativismo.

Nesse dia, conclusão de uma das mais loucas inflações, desastre de uma confiança quase mística na elasticidade infinita da «prosperidade», treze milhões de títulos são lançados no mercado. O valor das acções cai verticalmente. Certas dentre elas perdem metade da sua cotação no dia. E em breve um «salve-se quem puder» inaudito. As grandes sociedades que tinham facilitado a especulação por empréstimos aos intermediários, empréstimos que se tinham feito à vista, exigem o seu dinheiro, retiram um milhão de dólares de empréstimos numa semana... Anuncia-se que Morgan formou uma Santa Aliança dos banqueiros para deter a torrente. Anuncia-se que Rockefeller consagrará um milhão

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

COMPARTICIPAÇÕES PARA O ALGARVE

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu as seguintes participações à Junta de Turismo de Armação de Pera, Silves, para construção do edifício destinado à sua sede, reforço, 50.000\$00; e à Junta Central das Casas dos Pescadores, para construção de um agrupamento de 100 casas, em Portimão, destinadas a pescadores, reforço, 52.445\$00.



Manuel Ramirez

DOIS MORTOS

MORREU, há semanas, José Rufino; morreu, há dias, o major Luís Alberto de Oliveira. Nada de surpreendente, já que a morte não passa da banalidade intrínseca à circunstância de se ter vivido. Mas acontece às vezes saber-se ter vivido, e assim, implicitamente, arrebatá-se à morte parte do seu fúnebre triunfo. De certo, os despojos lá lhe ficam, nas suas trevas eternas, quer eles durmam o sono letal sobre uma laje ou umas pás de terra, quer se pulverizem no cacifo de um jazigo pretensioso. Os despojos lá lhe ficam, é certo, mas o que a morte não consegue é apagar da memória e da gratidão dos homens a lembrança e a saudade dos que atrás de si deixam qualquer coisa que lhes garante a sobrevivência anímica, o convívio espiritual com os que por cá ficam. As vezes, para se conseguir este volume carinhoso de saudade, não se precisou ter sido um grande homem — bastou ser-se um homem bom.

José Rufino, a quem já uma vez dedicámos palavras de justiça neste jornal, e Luís Alberto de Oliveira não foram grandes homens; contentaram-se em ser homens bons e, portanto, úteis aos seus semelhantes.

O trasmontano deixou uma obra assistencial e de administração municipal cujos ecos vão de reboar durante gerações. E para nós, os deste canto do Sotavento, não pode ser coisa de sómos a memória de José Rufino. E' que — poucos o sa-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A FALTA DE GÊNEROS

Continua a fazer-se sentir nesta vila, com intermitências, a falta de certos géneros de primeira necessidade, como sejam: carnes, ovos, bacalhau, azeite e manteiga, o que é causa de arrelias e trans-tornos nas pequenas economias familiares.

Quanto à manteiga, desapareceu totalmente, se bem que haja quem diga haver suficiente, mas só para um reduzido número de eleitos... Enfim, uma autêntica charada que traz o consumidor bem «consumido», até que se faça sentir finalmente uma providencial intervenção que tenha em conta os interesses do produtor e do público.



José dos Santos Marques

apresenta UMA CRÓNICA por semana

POR 1\$50, com gorjeta incluída, qualquer indivíduo pode ter o mundo a seus pés. Não é exagero, caro leitor, e ainda por cima poderá saborear um café quentinho que, nestes dias de intenso frio que nos trás todos encolhidos, é sempre muito agradável.

Nem sempre os frequentadores de «cafés» se apercebem da riqueza pictórica e do alto valor psicológico e filosófico desses acolhedores estabelecimentos que a maior parte dos mortais já não dispensa. E até mesmo os imortais, como Bocage, por exemplo, tiveram por eles grande predilecção.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

“CORREIO DO SUL”

Com o número de 2 do corrente, entrou no seu 37.º ano de publicação este nosso colega de Faro, «Correio do Sul», semanário brilhantemente dirigido pelo distinto escritor e jornalista sr. dr. Mário Lyster Franco, nosso muito prezado amigo.

Jornal que desde há longos anos ocupa uma merecidíssima posição de especial relevo na imprensa regional portuguesa, tem sido, incontestavelmente, um dos maiores e mais esforçados paladinos na defesa dos interesses do Algarve — que sempre tem servido com a maior dedicação e entusiasmo, alheio a facciosismos, numa constante manifestação de superior e são regionalismo, que de há muito lhe grangeou gerais simpatias.

Por tão festiva data, apresentamos ao «Correio do Sul» e ao seu ilustre director os nossos cumprimentos de felicitações, com sinceros votos de muitas prosperidades.

Comodamente sentados em confortáveis cadeiras, com as pequenas mesas na nossa frente, poderemos observar, paciente e pro-

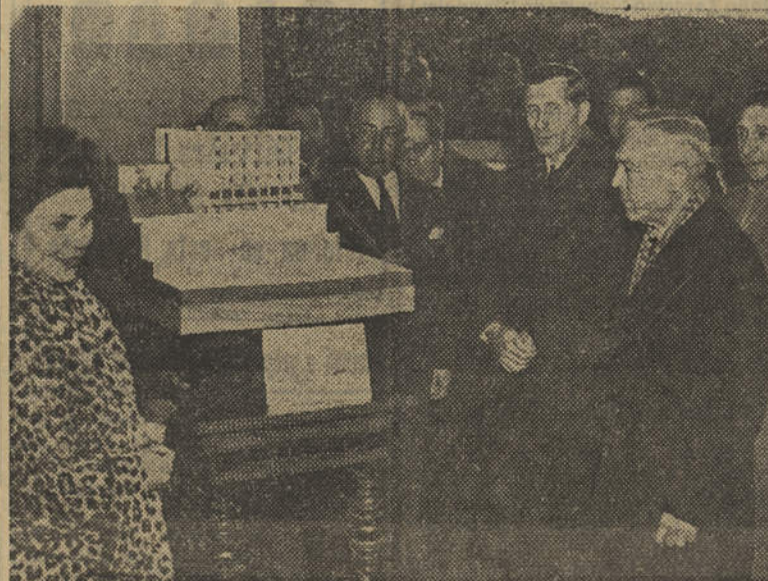
(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

A VALORIZAÇÃO TURÍSTICA DO ALGARVE UM GRANDE HOTEL NA PRAIA DE ALBUFEIRA

FELIZMENTE, de longe em longe, ainda aparecem algarvios dispostos a valorizarem a sua província e a procurar, ele-

à iniciativa do industrial sr. Joaquim Vinhas Cabrita. Trata-se de uma bela edificação que assentará no terreno ocupado por duas

pela posição que ocupa, constituir um elemento de valorização do conjunto urbano. Previsto para quatro e quatro quartos, a sua concepção foi orientada no sentido de uma utilização tão maleável quanto possível, e assim prevêem-se duas categorias de alojamentos, todos com casa de banho privativa, e ainda alguns apartamentos com três dependências. A recepção e as dependências de permanência e vida em comum acompanham em perfeita sequência as características do terreno em que se situa o hotel. Serão amplas, localizadas de modo a beneficiarem da linda vista de mar, e terão a grandeza e as características do conforto e de deco-



A exposição, na Casa do Algarve, da maquete do novo hotel

vá-la ao nível turístico que ela justamente merece pelas suas condições excepcionais.

Desde terça-feira que está exposta na Casa do Algarve, em Lisboa, a maquete do hotel que vai ser construído em Albufeira, graças

velhas edificações, localizadas sobre o túnel que liga a praia à vila, em situação ideal, pois, beneficiando da proximidade do centro de atracções e de movimento comercial, dispõe de fáceis acessos de ambos os lados e oferece a vantagem de,

ração apropriadas à categoria do empreendimento. Para comodidade dos frequentadores do hotel, o ascensor principal atingirá o nível do túnel que estabeleça a ligação entre o aglomerado urbano e a praia, atra-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

General SILVA DOMINGUES

Acompanhado pelo seu ajudante de campo, sr. capitão Raul Garcia Martins, chegou ao Algarve, no passado dia 2, o sr. general Luís de Gonzaga Silva Domingues, ilustre comandante geral da Guarda Fiscal.

Na sua visita ao aquartelamento de Faro, o ilustre visitante foi recebido pelos srs. capitão Cardeira da Silva, comandante da companhia, e alferes António Rufino Antunes, comandante da secção de Faro, na presença de todos os sargentos e praças disponíveis.

No dia 4, o sr. general Silva Domingues iniciou as suas visitas aos aquartelamentos da referida corporação nesta vila, tendo começado pela 4.ª Companhia do 2.º Batalhão, onde foi recebido pelos srs. capitão Inácio Monteiro Pacheco e tenente João Miguel, comandantes, respectivamente, de companhia e de secção. No dia seguinte, de manhã, esteve nos diversos postos de secção, entre os quais os de Monte Gordo, cuja praia admirou. Visitou a seguir as secções de Tavira, Alcoutim e Mina de S. Domingos. Com as visitas à sede e departamentos desta companhia, que é centro de instrução de recrutas e uma das mais importantes da raia, terminou o sr. general Silva Domingues a sua inspecção oficial aos diferentes aquartelamentos da Guarda Fiscal no Algarve.

À tarde, seguiu para Serpa, a fim de iniciar a sua visita à 5.ª Companhia ali aquartelada,

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, encontra-se entre nós, o nosso querido amigo sr. Manuel Hipólito Machado, residente em Lisboa, que tivemos o prazer de o cumprimentar na nossa Redacção.

A passar umas curtas férias, encontra-se nesta vila vindo de Lisboa, o sr. Octávio Rafael Sancho Pinto, filho do nosso estimado amigo sr. Octávio Pinto.

De visita a sua família encontra-se nesta vila a sr.^a D. Maria da Encarnação Peres Machado, residente em Lisboa.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. João Travassos de Brito, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, em Sintra.

Vindo de Évora, onde está a prestar o serviço militar, encontra-se nesta vila de visita a seus pais o sr. José Higinio Saraiva, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. António Saraiva.

Vindo de Lisboa, onde foi consultar a medicina encontra-se já nesta vila o nosso estimado amigo sr. Diamantino M. Baltazar.

Com curta demora esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Domingos Messias, residente em Almodovar.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. Fernando Garcia Pego Vasconcelo, nosso prezado amigo e assinante em Almada.

Com curta demora esteve nesta vila tendo já retirado para Vidigueira, o nosso prezado amigo e assinante sr. Flaminio José Gil.

Vindo de Lisboa, onde se encontra a prestar o serviço militar, encontra-se nesta vila o sr. António A'guedo A. Gomes.

Foram a Loulé as srs.^{as} D. Luisa Alves Nunes, nossa prezada assinante, e sua prima D. Maria Manuela Martins Rosa.

Regressou de Évora, aonde fora participar numa romagem de antigos alunos do Seminário daquela cidade, o nosso amigo rev. Padre Joaquim Galhardo Palmeira, dedicado prior desta freguesia.

Foi a Lisboa a sr.^a D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros, esposa do nosso amigo e prezado assinante, sr. dr. João Domingos Medeiros.

Casamento

Consoiciou-se no Montijo, no dia 29 de Janeiro, o nosso conterrâneo e assinante sr. António Mendes, correspondente de linguas numa importante fábrica de cortiças daquela vila, com a sr.^a D. Mariana Juiz da Velha Mendes, natural de Olho Marinho (Óbidos).

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seu irmão, sr. João Mendes, nosso assinante, e sua esposa sr.^a D. Elisa Tenório Mendes, e por parte da noiva, o sr. Luis Pinhol, gerente da sucursal do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, em Campolide, e sua esposa sr.^a D. Lia Correia Pinhol.

Aos noivos, que fixaram a sua residência no Montijo, desejamos muitas felicidades.

EM GASTRO MARIM VAI HAVER SERVIÇO PERMANENTE DE TELEFONES

A histórica vila nossa vizinha foi agora dotada de mais um melhoramento que muito vem beneficiar o comércio e a indústria daquela tão laboriosa população. Trata-se duma necessidade que há muito se impunha satisfazer, pelo que é digna de louvor a decisão dos C. T. T. de inaugurar ali o serviço permanente de telefones. Oxalá que os nossos vizinhos consigam ver satisfeitas outras aspirações de progresso para a sua terra, com a possível brevidade, são os nossos votos.

FILTRO PARA AZEITE
(usado), tipo «CAPILLERY»
Vendem: ILÍDIO PANINHO, LDA
SETÚBAL

HOMENAGEM ao saudoso dr. João Dias

A Comissão encarregada de angariar fundos para a construção na Vila de Alcoutim de um busto ao saudoso benemérito dr. João Francisco Dias, composta pelos srs. Presidente da Câmara, Comandante do Posto da G. N. R. e Provedor da Santa Casa da Misericórdia, tem o prazer de registar a entrada dos seguintes donativos, que agradecemos reconhecidamente:

Vila de Alcoutim	3.313\$00
Aldéa de Vaqueiros	814\$00
Aldéa de Gibes	635\$70
Monte de Guerretros do Rio	439\$50
João Lopes	100\$00
Manuel Baltazar Nunes da Silva	50\$00
Francisco Pedro	100\$00
João Paulo Lopes	200\$00
Rita Afonso Vidal	50\$00
Baltazar Peres Moraes	300\$00
Maria Julieta Baptista	90\$00
Celeste Gaspar Patrocínio	80\$00
Eliseu Rafael da Encarnação	60\$00
Manuel Tristão	20\$00
Manuel Vicente	20\$00
Felisberto José	20\$00
Maria Rita Quintino	100\$00
Maria Isabel Frade	100\$00
António Maria Corvo	50\$00
Maria Amélia Gomes	50\$00
José Rafael Pinto	300\$00
A transportar	6.892\$20

VAI SER ENCERRADO O CENTRO ESPECIAL DE VELA DA M. P.?

Consta-nos que, por determinação do Commissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, foi dada ordem de encerramento ao Centro Especial de Vela desta patriótica organização, que nesta vila funcionava há anos.

Posto que ignoramos as ponderosas razões que ditaram tal medida, não podemos deixar de lamentar esta decisão superior que, a efectivar-se, fará pesparecer da nossa terra um centro de aprendizagem náutica de reconhecida utilidade desportiva e educativa da nossa juventude, cuja localização em Vila Real de Santo António fora bastante feliz. Efectivamente, ainda podemos recordar as Campanhas «Rumo ao Mar» e as provas internacionais de Vela há pouco realizadas, com prestígio para esta vila, para a M. P. e para a desejada aproximação luso-espanhola.

Fazemos votos para que, depois de ponderados devidamente os óbices existentes, talvez removíveis, a alta entidade a quem incumbe resolver se decida a anular a decisão tomada, conservando aqui o nosso Centro Especial de Vela, que tão bons serviços tem prestado e pode ainda prestar no futuro, a bem da Mocidade Portuguesa e dos interesses de Vila Real de Santo António.

A ELECTRO FABRIL S. A. R. L.

Vila Real de Santo António AVISO - CONVOCATÓRIO

De conformidade com o § 1.º do artigo 17 dos Estatutos convoco para o dia 7 de Março do corrente ano, pelas 17 horas, na sua Sede na Rua do Barão do Rio Zézere, n.º 1, a Assembleia Geral Ordinária desta Empresa.

- Ordem dos Trabalhos**
- 1.º - Discutir e votar sobre o relatório e contas da Gerência de 1955;
 - 2.º - Elegger novos Corpos Gerentes;
 - 3.º - Deliberar sobre a execução do Artigo 13.º dos Estatutos;
 - 4.º - Deliberar sobre assuntos pendentes e de interesse para a Empresa.

Não se verificando nesta convocação número de capital para o legal funcionamento da Assembleia, fica desde já convocada em 2.ª convocação, para o dia 26 de Março do corrente ano, pelas 17 horas, a Assembleia Geral que funcionará com qualquer número.

Vila Real de Santo António, 4 de Fevereiro de 1956.
O Presidente da Assembleia Geral,
Emílio Garcia Ramirez

Conto Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Minha total frieza me apavora.
«Avalia!» acrescento para ferir-me bem para sondar a perda irreparável —
«Avalia o deserto que forjaste...»

Nada a fazer, porém. Estas paisagens, estas cores e sombras, rios, margens, flores irreais, esplendrosos caminhos, túneis românticos abertos em plena jungle, este vestir princesas —
Dior de ocre e jasmim —
Este fausto sem feio, tudo esbarra em meus olhos agressivos (e ao mesmo tempo ansiosos de entender...)
como num muro frio estéril de ecos suaves...

Algo em mim se perdeu.
Cor, luz, rio de melodia...

De regresso da exposição

Arte sem sangue humano não na entendo.
Arte que não venha embaciada da respiração dramática, ofegante,
arte com os pés em sangue do caminho.
Cor—só para relatar a alma ao homem siroa.
Arte que ignore o homem não na entendo.

Á tardinha

No silêncio da tarde depois da grande luta...
Sobe às nuvens como um papagaio colorido uma voz infantil E canta...
Canta, na selva obscura, uma voz de anjo.
Desabituada fico a escutar, atenta, como a terra quando por ela corre o braço semeador.
Doce voz infantil...
...Uma canção ou um desgarrado apelo?
Maria Manuela Nunes

Falecimentos

D. Mariana da C. Madeira Colorido
Faleceu, em Vila Nova de Cacela, no passado dia 29 de Janeiro, após prolongado sofrimento, a sr.^a D. Mariana da Conceição Madeira Colorido, viúva, de 90 anos de idade, abastada proprietária naquela vila.
A falecida era mãe dos srs. Frederico Colorido Drago, já falecido, e do dr. António Colorido Drago, advogado e proprietário.
A família enlutada, e em especial ao nosso prezado amigo sr. dr. António Colorido Drago, apresentamos sentidos pêsames.

Francisco Eurico Rosa Camarada
Com 12 dias de idade, faleceu em 6 do corrente o menino Francisco Eurico Rosa Camarada, filho do nosso amigo sr. Luis Gonçalves Camarada, gerente da agência do Banco Português do Atlântico, nesta vila, e de sua esposa, sr.^a D. Maria Antonieta Ribeiro Rosa Camarada, a quem endereçamos a expressão do nosso pesar.

João Zeferino Figueiredo (Bandeira)
Faleceu nesta vila, em 6 do corrente, o sr. João Zeferino Figueiredo (Bandeira), de 76 anos, natural de Tavira, que há muitos anos residia nesta freguesia, onde se ocupava de carretagens.
Deixa viúva a sr.^a D. Adelina Fernandes e era pai da sr.^a D. Rita Fernandes Figueiredo e dos srs. Domingos, João Zeferino, Mário e Joaquim Fernandes Figueiredo, a quem apresentamos cumprimentos de pêsames.
O funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

Dr. António Guerreiro C. Frade
Faleceu em Loulé, no dia 8 do corrente, o ilustre clínico sr. dr. António Guerreiro Correia Frade, que naquela vila dirigia a clínica médico-cirúrgica que tem o seu nome.
O saudoso extinto, que deixa viúva a sr.^a D. Maria Valentina Guerreiro Rua Frade, era pai da sr.^a D. Maria Josefina G. Rua Frade e cunhado do sr. dr. Jaime Guerreiro Rua, ilustre director do nosso prezado colega «A Voz de Loulé», a quem o nosso semanário apresenta sentidas condolências.

Mariano Martins Beira
No Barreiro, onde se encontrava acidentalmente, faleceu no dia 9 do corrente mês o sr. Adriano Mar-

PROVINCIA

TAVIRA

O custo da vida
Continua a afectar grandemente as classes menos abastadas o custo da carne, do peixe e dos diferentes produtos à venda no mercado desta cidade. Não se procura por cobro a este estado de coisas. O peixe é vendido ao preço que os vendedores desejam. Não há tabelas nem percentagem para o lucro, como há noutras terras.
Na Capital, constantemente lemos nos jornais o serviço que a Intendência faz, multando quem especula nos preços, e aqui nada se vê e cada um apostou em vender o mais caro possível, visto não haver quem se interesse pelo consumidor. As bananas, que são fornecidas às dúzias aos revendedores, são aqui vendidas a quilos, o que dá, por dúzia, quilo e meio, com vantagem de 50% de lucro para o revendedor, além da percentagem da compra por dúzia. A batata vende-se a 2\$00 o quilo, enquanto em Carrizada de Montenegro, segundo lemos nos jornais, há abundância deste tubérculo, que se vende a 70 e 80 cada quilo e com tendência para baixar. Quem nos acode?

O frio
Estamos sentindo uma vaga de frio a que não estamos habituados. Há dias que não se pode sair de casa. Tanto o comércio como os trabalhadores rurais sentem, os primeiros, falta de negócio, e os segundos, falta de trabalho em face do tempo que faz. O Algarve, provincia privilegiada de clima ameno, desta vez também sentiu a intensidade da onda de frio que assola a Europa Ocidental.

Estacionamento de viaturas
Temos notado que o comércio instalado na Rua da Liberdade está algo desgostoso com o sistemático costume de fazerem da artéria principal de Tavira, ponto obrigatório de passagem do Parlamento para Sotavento, um Parque de Estacionamento. Que se admite a quem precise de carregar ou descarregar mercadorias, e quem deseje atender clientela nesta rua, ainda está bem, mas quem por sistema põe o carro um dia inteiro na rua, fazendo da mesma garagem ou Parque, não está certo. Para tal chamamos a atenção da P. V. T. e das autoridades que mandam nestes assuntos.

Franquias de correio
Tavira tem somente um único posto de venda de franquias postais. Quando a Estação dos C. T. T. fecha, é com dificuldade que se adquira um selo ou um postal. Bom seria que a Administração Geral ordenasse que o Posto dos C. T. T. tivesse sempre franquias necessárias para abastecer o público, já que para tal se habilitou, ou então abrisse mais outro posto, para bem servir as pessoas que se utilizam dos seus serviços. Assim como está sendo feita, a venda de franquias não corresponde à boa vontade dos C. T. T. — e.

Agradecimento

A família de João Bartolomeu Cardoso Socorro, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e bem assim às que o acompanharam até à sua última morada.

CASAS
Vendem-se 3 casas, na Rua Oliveira Martins n.ºs 31, 33 e 35
Informa-se nesta Redacção

Assina e propaga «Notícias do Algarve»
tins Leiria, de 57 anos, chefe da estação dos Caminhos de Ferro de Mexilhoeira Grande, onde era muito estimado, pelas suas excelentes qualidades de carácter.
O saudoso extinto, que deixa viúva a sr.^a D. Eduarda Carrilho Cavaco Leiria, era filho do nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Fernando Silvério Leiria e de sua esposa, sr.^a D. Amália Martins Leiria; irmãos das sr.^{as} D. Amália Vital Martins Leiria, professora oficial nesta vila, D. Elvira Martins Leiria, D. Maria Fernanda Leiria de Brito e D. Maria de Lourdes Martins Leiria, e dos srs. Fernando e Jorge Martins Leiria.
A família enlutada, exprimimos o nosso profundo pesar pela dolorosa perda sofrida.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 4 a 10 de Fevereiro:

Entrados:
DUISBURG, Alemão, de 1853 ton., de Lagos, com carga em trânsito.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., do Porto, vazio.
MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
Saídos:
Duisburg, Alemão, para Hamburgo, Antuérpia, Bremen e Roterdão, com conservas, cortiça e bidões de óleo vegetal.
COVILHÃ, Português, para Saint Malo, com minério.
GOLFINHO, rebocador Português e o batelão «Paredes», para Lisboa, com minério.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
ALABE, Panamenho, para Duisburg via Roterdão, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente, de 11 a 17 de Fevereiro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

CAMPISMO

IV ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DOS JOVENS, NA HOLANDA

O Clube Campista Turístico Holandês solicita-nos a publicação do seguinte convite:

Caro jovem campista:
Dando execução às decisões tomadas pelo Congresso dos Jovens, levado a efeito no Acampamento Internacional de Sarrelouis, em 1955, os jovens, rapazes e raparigas, do N. T. K. C. (Nederlandse Toeristen Kampier Club) sentem-se felizes em receber na Holanda, na Páscoa de 1956, os seus camaradas estrangeiros, de 16 a 25 anos. Recebê-los-emos nos arredores pittorescos de Haia, velha cidade na região oeste do nosso país. O acampamento realizar-se-á de sexta-feira santa até segunda-feira, ou seja de 30 de Março a 2 de Abril e o respectivo programa será remetido oportunamente.
Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para permitir aos nossos amigos umas férias agradáveis.
Os camaradas estrangeiros que tiverem a possibilidade de prolongar a sua estadia na Holanda poderão ficar instalados no terreno do Acampamento.
Pelo «comité» organizador,
a) J. C. de Vries

Os que quiserem receber mais esclarecimentos podem dirigir-se a Jan C. de Vries, Strevelsweg, 8—Roterdão—Zuid II—Holanda.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. Salvador Valongo, Manuel Ramos Ferramacho, João Alves Rufino, João Fernandes Piloto, Simplicio Dias Palma e João Lozango Rodrigues, por indicação, respectivamente, dos nossos prezados assinantes srs. José Guerreiro Rodrigues, Manuel José Moraes Rodrigues, António Henrique A. Rufino e Fernando Moraes Rodrigues, A. Vicente Campina e António da Costa Salas.
Igualmente, deram-nos o prazer da sua assinatura os srs. Manuel Simão e Sebastião Simão.
A todos, os nossos agradecimentos.

ODELEITE

Homenagem ao saudoso dr. João Dias

Com este título, lemos nas colunas deste jornal, de 22 do mês findo, o que uma comissão pretende levar a efeito.

Sim, senhores, é justo que demostremos a gratidão à memória de quem em vida foi um bom, um grande amigo, uma alma nobre, um homem ao serviço da ciência, em proveito dos seus semalhantes.
A sua morte foi aqui muito sentida e ainda hoje, volvidos muitos meses, é sinceramente comovidos que o recordamos.

Alvitramos a mui digna comissão a conveniência de em Odeleite haver pessoa encarregada de arrecadar as receitas, que temos a certeza serão entregues.

Festividades religiosas

Está tudo a postos para no dia 12 do corrente recebermos festivamente Sua Ex.^a Rev.^{ma} o sr. Bispo. Com o «Notícias do Algarve» irá a notícia a muitos filhos de Odeleite que residem em terras distantes e que, talvez, sentindo a nostalgia da terra que lhes foi berço, não deixem de apoiar a iniciativa dos seus conterrâneos desejando que Odeleite apareça dignamente como terra algarvia.

Curso nocturno

Com carácter particular, mas com o conhecimento de quem de direito, começou a funcionar, na residência paroquial, gentilmente cedida para o efeito, um curso nocturno. Começou com um número regular de alunos que sentem a falta da instrução e bendizem a hora em que o Estado decidiu a extinção do analfabetismo.

Aniversário

No dia 9, completou 53 anos de idade a sr.^a D. Claudina Cavaco Dias, a quem desejamos felicidades.

Carnaval

Promete ser animadíssimo. Grupos de rapazes e raparigas ensaiam-se para dar uma nota alegre e característica.

Festa, é que é preciso para o 1956 ter o que lhe faz falta.
Quem canta seu mal espanta...—e.

A OBRIGATORIEDADE

do boletim de sanidade

O Subdelegado de Saúde do concelho de Vila Real de Santo António avisa, por este meio, todos os interessados de que é de exigir a obrigatoriedade do Boletim de Sanidade criado pela portaria n.º 13.412, de 6 de Janeiro de 1951, aos seguintes trabalhadores das indústrias e comércio de substâncias alimentares:

- a) Trabalhadores da indústria de panificação, incluindo os distribuidores e vendedores de pão.
- b) Pessoal leiteiro ocupado na ordenha, transportes, distribuição e venda de leite, bem como os empregados na indústria de laticínios, postos de recepção, recolha e análise de leite.
- c) Pessoal de hotéis, pensões, hospedarias, restaurantes, casas de pasto, tabernas, mercearias e vendedores ambulantes de bolos e gelados.
- d) Pessoal de fábricas de refrigerantes, de sumos de frutos e de xaropes.
- e) Pessoal de moagens e fábricas de massas, de conservas de frutos, de gelo e gelados.
- f) Pessoal de matadouros, talhos e salchicharias.

Os possuidores dos boletins de Sanidade deverão renová-los imprimeiramente durante o 1.º trimestre do corrente ano. Os não possuidores deverão adquiri-los até fins de Abril, próximo futuro.

MÁQUINA DE LIMPAR LATAS

(usada), utilizando casca de arroz, aparas ou serradura
Vendem: ILÍDIO PANINHO, LDA.-Setúbal

Motor Marítimo BOLINDER
3 Cilindros 90 H. P.
Motor Marítimo BOLINDER
2 Cilindros 40 H. P.
VENDEM-SE: Respostas a esta Redacção ao n.º 95

A CONSTRUÇÃO DA DOCA DE PESCA

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

hem assim, já concedida a respectiva comparticipação do Estado, espera-se ansiosamente o início dos trabalhos. Em segundo lugar, a criação da Escola Técnica, há muito prometida e que viria beneficiar uma zona grandemente industrializada, mas que carece de técnicos preparados e diplomados oficialmente. A criação deste estabelecimento de ensino profissional impõe-se, pois, para bem das povoações deste concelho e ainda das de Alcoutim, Castro Marim e Cacela, até ao termo de Tavira.

Outra necessidade, que algumas localidades algarvias já viram satisfeitas, é a criação de um centro polivalente de Assistência Social, com secção materno-infantil, como o que foi instituído recentemente em Loulé. Na verdade, se atendermos às condições de uma população formada, na sua maior parte, por operários fabris e piscatórios, a quem o trabalho falta de forma cíclica durante os períodos anuais do defeso, e não havendo na região outras indústrias a que possam recorrer, quando desocupados, é forçoso reconhecer a gravidade do problema.

Outras faltas poderiam apontar-se, as quais têm estado a ser encaradas pela actual vereação da Câmara Municipal, que, em boa verdade, muito tem trabalhado no sentido de colocar esta bela e progressiva terra sotaventina no nível que lhe compete para que não desmereça da sua condição geográfica e turística de porta de entrada no País para os que venham de Espanha pela fronteira de Ajamonte. O que mais avulta, porém, é o problema da falta de casas, razão por que tudo aconselha que, a título de urgência, se construa um bairro de casas eco-

nómicas. Também os sacrificados pescadores da vizinha praia de Monte Gordo continuam a aguardar que a Junta Central das Casas dos Pescadores edifique um bairro social — premente necessidade que já foi devidamente encarecida junto das estâncias superiores.

Pelas suas privilegiadas condições de progresso, para o qual muito e poderosamente tem contribuído o Estado, e também atendendo à importante participação que a economia nacional recebe regularmente de Vila Real de Santo António, esta vila, cuja fundação e nome estão indelévelmente ligados ao Marquês de Pombal, é realmente digna de ver atendidas as suas mais instantes, tão legítimas, aspirações.

Morte horrível duma criança

No dia 7 do corrente, à tarde, tendo ficado só em casa a pequena Maria de Lurdes Cordeiro, de 4 anos, filha de Jorge Cordeiro e de Laura Maria, os quais estavam no trabalho, resolveu brincar às braseiras com um garoto da vizinhança. Para isso, foram buscar jornais velhos, uma garrafa de aguarrás e fósforos, e quando se dispunham a fazer lume, os vestidos da Maria de Lurdes incendiaram-se, fugindo ambas as crianças para a rua, entre gritos lancinantes da sinistra e grande aflição dos assistentes que lhe acudiram.

Apesar do auxílio dos vizinhos, que prontamente a conduziram ao Hospital da Misericórdia, a desditosa Maria de Lurdes faleceu pouco depois, vítima de horrosas queimaduras por todo o corpo.



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO (Zona Sul)

Disputou-se a 3.ª jornada do Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se verificado na zona D-8.ª Série, os seguintes resultados:

Lusitano, 1 — Despertar, 0
Silves, 3 — S. Domingos, 0
Serpa, 2 — Esperança, 1

Assim, depois de cumpridas três jornadas, há 8 equipas com 4 pontos, sendo o Serpa que vai à frente. Bom sinal de que a luta para a conquista dos dois primeiros lugares, que garantem a ida à outra fase, será até ao fim recheada de atractivos, o que fará aumentar o interesse da prova.

Seguem-se os relatos dos encontros:

LUSITANO - DESPERTAR

Jogo disputado no campo «Francisco Gomes Socorro».

Arbitro: Lourenço Simões.
Lusitano: Ramos; Fernandes e Viegas; Padesca, Pescada e Gonçalves; Lima, Marco, Raimundo, Travaços e Amílcar.

Despertar: Raposo; Domingos e Corujo; Rogério, Leonel e Passinhas; Dionísio, Patrício, Marques, Tareco e Páscoa.

O jogo que pôs frente a frente as equipas do Lusitano e do Despertar foi arduamente disputado, tendo também ambos os grupos enveredado muitas vezes pelo caminho da violência, mais o Despertar, o que só foi possível dada a complacência do árbitro no julgamento dessas faltas.

O Lusitano, que logo na primeira parte merecia ter marcado, não o conseguindo em virtude da maneira como os bejenses fechavam a sua balisa, lograram o prémio do seu esforço quase no fim do desafio, quando Lima, na marcação dum canto, pôs a bola ao alcance de Amílcar, que com um vistoso golpe de cabeça conseguiu o tão desejado tento, que garantiria a vitória justa e incontestável dos lusitanistas.

Desta maneira, a vitória coube à equipa que mais fez para a merecer, e poderia até ter sido mais nítida, pois muitos dos remates dos avançados do Lusitano poderiam ter fructificado, se não fosse a pouca sorte em algumas vezes e a decisão do guarda-redes noutras, o que fez com que o resultado não tivesse sido mais vantajoso.

No Lusitano, todos fizeram por cumprir, tendo no entanto a defesa claudicado em certas ocasiões. Todavia, é justo salientar o trabalho da linha média, fulcro de toda a manobra da equipa e que jogou em grande plano, principalmente Padesca, e o guarda-redes com um punhado de boas defesas. No Despertar, os que mais nos agradaram foram: Raposo, com boas intervenções; Passinhas e os dois extremos Dionísio e Páscoa, principalmente o n.º 7, dos melhores jogadores em campo, possuindo bom pontapé, drible e corrida, predicados principais para ser um bom extremo.

Do árbitro, poderemos dizer que fez uma arbitragem péssima, tendo ainda por cima expulso dois jogadores do Lusitano, Gonçalves e Raimundo, — também foi expulso Leonel — que nada vimos fazer, sendo até o segundo destes jogadores o que foi agredido pelo mesmo jogador que já antes havia tentado fazer o mesmo a Padesca, factos estes que mereciam mais severa punição por parte do juiz da partida, pessoa a quem já temos visto dirigir vários encontros sucedendo em todos eles os mesmos e lamentáveis factos, que só são possíveis em virtude do sr. Lourenço Simões não ter pulso para segurar os jogadores.

Silves - S. Domingos

Triunfo certo da equipa que dominou intensamente ao longo de todo o desafio, conseguindo assim a primeira vitória nesta prova.

Serpa - Esperança

Vitória tangencial do Sepa, que conseguiu assim guindar-se ao primeiro posto da classificação geral.

S. Saías

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Serpa	3	2	—	1	10	4
LUSITANO	3	2	—	1	5	2
Despertar	3	2	—	1	4	3
Esp. Lagos	3	1	—	2	4	5
Silves	3	1	—	2	4	5
S. Domingos	3	1	—	2	3	11

Assine o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO (Zona Sul)

Desportivo de Beja, 2 — Olhanense, 2

Os algarvios empataram um jogo que podiam vencer

A jovem equipa do Sporting Clube Olhanense, como já é hábito durante toda esta época, levou a ampará-la no seu jogo à cidade de Beja mais de três centenas de «aficionados».

O Estádio, de nome Engenheiro Frederico Ulrich — obra grandiosa para um clube da II Divisão, registou, com o encontro de futebol entre as equipas do Desportivo de Beja e do Olhanense, numeroso público e foi cenário dum jogo cheio de entusiasmo, vivacidade, velocidade e jogado num ambiente de verdadeira lealdade.

Os grupos em luta deram uma boa tarde de futebol a todos quantos assistiram ao prélio, embora o forte vento que soprou tivesse dificultado imenso a tarefa dos jogadores de ambos os lados. Embora acompanhado por uma enorme falange de apoio, o clube algarvio não conseguiu mais do que um empate a duas bolas, num jogo que poderia ter vencido facilmente...

Os algarvios jogaram abaixo do seu normal; no entanto, foram os que melhor se exibiram e o resultado que se registava ao intervalo era deveras enganador, porquanto a equipa algarvia merecia, sem dúvida, sair do primeiro tempo com dois ou três golos de diferença. Assim, o resultado de 2-1 com que o primeiro tempo findou não era a expressão verdadeira.

Já no segundo tempo pertenceu o domínio aos locais, embora esse domínio muitas vezes fosse criado pelos próprios olhanenses. Assim, o resultado de 2-2 com que terminou o encontro era lógico, quanto os algarvios tivessem empatado por culpa exclusiva dos seus jogadores, que não aproveitaram as oportunidades flagrantes que se lhes depararam.

Nos alentejanos, Camiruaga, Marcelino e Vidal merecem boa nota. Nos algarvios, Reina, Bento e Cavas agradaram. Abade, que voltou a alinhar, mostrou, como sempre, segurança. Estranhou-se a ausência do jovem Ferreira, mas depois tivemos conhecimento de que não alinhou, em virtude de se encontrar ainda com pouca resistência física.

A arbitragem de Jaques Matias, de Seixal, agradou.

Juventude, 1 — Portimonense, 0

Os algarvios continuam infelizes

Mais uma vez, o Portimonense cede dois pontos no último minuto. E' caso para dizer que os Portimonenses andam com infelicidade. Embora actuando com segurança e inteligência, os barlaventinos não viram os seus esforços coroados de êxito.

Farense, 2 — Coruchense, 2

Os farenenses mereciam a vitória

A equipa do Coruchense — sem dúvida, uma das melhores da prova — na sua deslocação a Faro, obteve com inesperada surpresa um resultado deveras bom. Alcançar um empate em Faro é realmente proeza de vulto, visto que naquela cidade apenas o Montemor e o Oriental conseguiram pontos. A equipa local, embora dominando, não conseguiu mais do que um empate, conquanto um resultado de 3-2 a seu favor fosse talvez o resultado mais justo.

Herouliano Valente

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Uma crónica por semana

(CONCLUÍDA NA 3.ª PÁGINA)

fundamente, mesmo sem que oicamos as suas conversas ou as suas anedotas, os vários tipos humanos que nos cercam. Poderemos deambular pelas suas vidas e dar largas ao nosso poder de observação e de análise psicológica.

Aquele tem um rosto enrugado, parece ainda novo, apesar dos cabelos esbranquiçados que já se lhe notam nas têmporas. Por certo, a vida não lhe tem corrido favorável. O fato está um pouco coçado, embora limpo; cuidados da esposa, certamente. Adivinha-se nele preocupação, incerteza quanto ao dia de amanhã. Está pensativo. Pensa talvez na melhor forma de esticar o magro ordenado. Os garotos precisam calçar-se. A mulher, coitada, que se farta de trabalhar, bem merece um vestido novo. E a escola? como pagá-la? Parecerá mal aos colegas que os seus filhos andem na escola da Câmara, como indignes.

Aqueloutro é mais feliz, pelo menos de aparência. Bonacheirão, risonho, joga chalaças para o grupo de amigos que o rodeia e que parecem divertidos em escutá-lo. Não deve ter grandes problemas a resolver, talvez até não seja esse o seu forte. Deve ser conquistador de «garotas». Tem o dom da palavra traja, com espavento e usa os sapatos muitos engraxados. Tem um ar de quem encara a vida sorrindo, como se suportá-la fosse a coisa mais fácil deste mundo.

Lá mais adiante, uma mulher está pensativa e parece esperar alguém que tarda em aparecer. Nota-se-lhe certa paciência. Virá? Não virá? Que estará ele a fazer para que não tenha chegado à hora combinada?

Os empregados de mesa (não são criados, como muita gente boa pensa), metidos nos altos colarinhos engomados, com cordões dourados nos ombros e lista brilhante nas calças, andam num rodopio constante.

E aquele senhor de aspecto respeitável, que atentamente lê o jornal que acaba de sair? Parece que as notícias o interessam vivamente. Talvez espere ver o seu nome entre os convidados para o casamento da Kelly com o Rainier. Ou procurará descortinar o que se diz nas entrelinhas de um lacónico telegrama de apressado correspondente de agência telegráfica sobre o que Eden e Eisenhower resolveram sobre o litígio árabe-israelita?

Noutra mesa, discute-se acaloradamente futebol. O «Porto» vai à cabeça, mas o «Benfica» ainda pode ganhar. Os «tripeiros» têm tido sorte, afirma um do grupo. Os árbitros é que fazem os resultados, diz o outro. Haja bom ou mau futebol, quem paga é o árbitro!

Lá ao canto, está um cavalheiro que faz uma caricatura num pequeno rectângulo de papel. Depois de pronta, levanta-se e vai depô-la na mesa ocupada pelo caricaturado. Um artista frustrado, que mendiga, por este processo, o seu sustento.

Os empregados da copa não param, diligentes, desembaraçados, numa roda viva.

— Atenção! Chamam ao telefone o sr. dr. Lourenço! E' a voz melodiosa da telefonista que se ouve, vibrada pelos alto-falantes instalados no «café».

— Tabaco, precisa? Pergunta o «groom».

Naquela mesa que se vê daqui, por entre duas senhoras de chapéu com uma peninha, está um poeta. Adivinha-se. Cabeleira farta, olhar sonhador, em êxtase. Lápis no ar. Espera o momento de inspiração. Depois, muito senhor de si, rapidamente, relanceando um olhar superior, escreve, escreve, num frenesim.

— Engraxa? — Um «martini», dois «garotos» para as senhoras (ia a dizer «garotas») e um copo de água!

Lá fora, está frio, muito frio. Parece Dezembro. Não sei bem porque nos habituámos a julgar que Dezembro era o mês mais frio do ano. A porta, toda envidraçada, gira, gira sempre. Entram e saem pessoas de todas as idades e de quase todas as categorias sociais. Os arduos, enregelados, apregoam os jornais. Os automóveis correm céleres.

Aquele que entrou agora deve ser um intelectual: vem carregado de livros...

Que disparate, pensar que seria um burrol! Os burros não vêem ao «café», ou virão?

1850 põem-lhe o mundo a seus pés. Não custa nada, é só imaginar! E de imaginação é do que mais se precisa, nestes conturbados e difíceis dias que atravessamos.

José dos Santos Marques

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que herdeiros de João António da Graça requereram licença para instalarem uma fábrica de conservas de peixe pelo sal, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de emanações nocivas e inquinação das águas, situada em Lazareto, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro, confrontando ao norte, nascente e poente com as ruas correntes e ao sul com vivua e herdeiros de Joaquim da Costa Rebocho.

Nos termos do regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 3 de Fevereiro de 1956.

O eng. chefe da Circunscrição João António da S. G. Martins

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Câmara Municipal do Concelho de Alcoutim

ANUNCIO

Faz-se público que no dia 5 de Março de 1956, pelas 15 horas, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal e perante a mesma Câmara, se procederá ao concurso público da obra de «Construção da Estrada Municipal de Gões ao limite do Concelho — 2.ª fase — Construção de um Pontão ao Perfil 89».

Base de licitação. . . 116.903\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou agências, à ordem do Presidente da Câmara, o depósito provisório de 2.923\$00, mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal, em qualquer dia útil, dentro das horas de expediente, até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria da Câmara Municipal.

Alcoutim, 8 de Fevereiro de 1956.

O Presidente da Câmara,

José Maria Mendes Amaral

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

Na acção de processo ordinário que João Caetano Mateus, casado, mestre de Pesca, residente em Vila Real de Santo António, e outros, promove pelo Juízo de Direito desta Comarca de Vila Real de Santo António, contra a ré Sociedade de Transportes Bata, Lda., com sede nesta vila, foi nomeado representante especial desta ré, em Juízo, o seu sócio João de Brito Serina, casado, empregado de escritório, residente em Lisboa, na Rua Afonso Lopes Vieira, n.º 1-1.º-Dto., o que se faz público nos termos da lei.

Vila Real de Santo António, 2 de Fevereiro de 1956.

O Chefe da Secção de Processos

a) António Figueiras da Cruz

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito

a) Francisco Nunes Correia

Agradecimento

Albertina Maria Pereira Bulgesso, Maria dos Remédios Pereira Calvino e mais família agradecem por este meio a todas as pessoas que se dignaram manifestar-lhes o seu pesar por ocasião do falecimento de sua querida mãe, ocorrido em Mértola.



PORTO
RAINHA
SANTA

ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINEIRO
& C.ª

Vila Nova de Gaia

Clinica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LIMITAÇÃO

HÁ coisas que se não devem limitar. Por exemplo: a Bondade, a Alegria, a Paz, o Trabalho. Bem, é por causa dum assunto ligado ao Trabalho que escrevo estas linhas.

Conhecia, havia muitos anos, António de Sousa Martins. Viajante de papelaria, dos mais competentes da sua profissão, deixou-se «arrastar» pela idade... E no princípio da passada semana, a firma para a qual havia dezenas de anos trabalhava, com toda a competência e dedicação, chamou-o a Lisboa. Lá foi informado de que, devido à sua idade, ia ser substituído.

O desgosto minou-o... O terreno era fácil para isso... Regressou a casa doente e desolado. Dois dias depois, perecia.

A limitação é remédio que deve ser aplicado com toda a inteligência. Não só com inteligência, mas também com o coração. Não sendo assim, arrisca-se, às vezes, a que possam determinar-se consequências funestas. E foi o que sucedeu agora:—Verificando, pelos acontecimentos, que era considerado como «inútil», ele, que trabalhara uma vida inteira, viu quebrado o motivo do seu viver...

E deixou-se cair nas tenazes do desgosto. Violento, irresistível, a tal ponto ele foi que dois dias após o seu coração para sempre deixou de pulsar.

A limitação nem sempre pode ser aplicada impunemente... Em certos casos, limitar significa destruir. Foi o que sucedeu agora. O limite de trabalho trouxe, consigo, o limite da vida. Pobre amigo!

ANDORINHAS

ESTAS graciosas aves já regressaram à nossa terra. Vieram com o frio. Um frio glacial a que não estamos habituados. El-las em alegre visita às ruas, às casas onde os ninhos se encontravam à sua espera—ou à espera de poderem ser reconstruídos.

Já em Dezembro, a guarda avançada das andorinhas veio ensaiar seus revoltos sobre esta vila. Agora vieram as emigrantes. Que possam viver em paz, alegrando as almas simples e boas, são os nossos desejos.

FRIO

QUEM havia de dizer?! Dois graus abaixo de zero, aqui, terra algarvia! O frio tem sido, na verdade, de uma dureza inexcusável, nestas até aqui privilegiadas paragens. Mas desta vez, mal preparados que estamos para fazer face a tão rigoroso frio, nem sei como se resistiu tantos dias à vaga vinda, segundo as notícias, do Polo Norte.

Felizmente que vai passando. E o sol e o clima algarvios tornam a acariar-nos, outra vez! Felizmente!

CASAMENTO

O CASAMENTO é um acto muito sério. E, mesmo, dos actos mais sérios na vida dum ser humano. Qualquer que seja a sociedade em que se viva, casar representa um atrevido passo no desconhecido futuro. E quando a sociedade permite sobressaltos sobre a questão económica e educacional, em relação a filhos que possam ser «convocados» para a Vida, então casar requer mais que coragem: uma ousadia a toda a prova.

Pois esta semana fui ao casamento de um amigo. Mais: servi de testemunha no casamento de um antigo camarada escuteiro: João Ilídio Setúbal. Fi-lo com a satisfação própria de tais acontecimentos. Desejo-lhe, e à companheira, todas as felicidades. E nestes votos vão também os de que, num futuro breve, não só os jovens de mais de trinta anos possam ver realizadas as suas aspirações matrimoniais, como, também, os jovens de vinte anos as possam realizar. Mas sem os impedimentos do temor pela questão económica, educacional e outras—e sim com a certeza na confiança de que os problemas da vida tenderão a simplificar as condições do viver. Do viver com trabalho, amor e decência!

DESABAFO

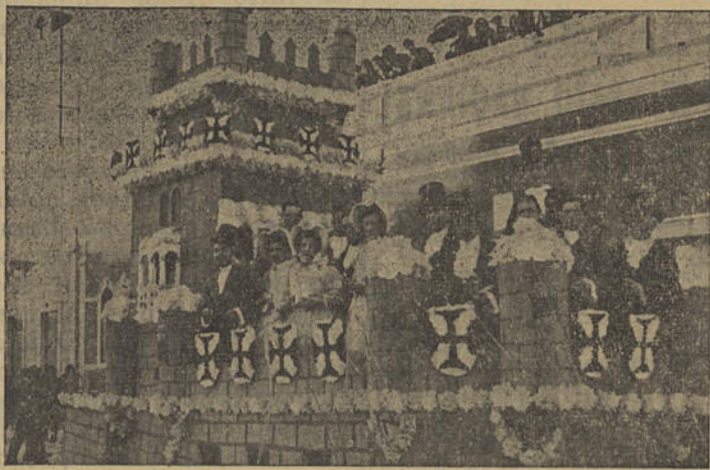
Tenho um casaco forrado do pano do meu amor. O casaco é encarnado —sei que não gostas da cor...

Mas a cor é tudo e é nada, diz muito—e às vezes não diz...—do que traz iluminada a alma—que é um bom juiz!

Tenho um casaco encarnado —e não gostas dessa cor. Como és boa, hei-de forrá-lo com o pano do nosso amor!

A. Vicente Campinas

Visado pela Comissão de Censura



«Uma imagem do Carnaval de Loulé»

O CARNAVAL DE LOULÉ

Iniciam-se hoje, prolongando-se até 3.ª feira os folguedos comemorativos das suas «Bodas de Ouro»

INICIAM-SE hoje, na simpática vila de Loulé, as lindas Batalhas de Flores e os animados folguedos comemorativos do cinquentenário das suas festas carnavalescas.

A juntar às quatro dezenas de carros alegóricos, em que estão representadas todas as freguesias do seu vasto concelho, todos eles verdadeiras obras de arte, e representando, no seu conjunto, um eloquente somatório do que pode e o que vale o característico bairstimulo louletano, empreendedor e dinâmico, há uma infinidade de atractivos e divertimentos, tais como ranchos folclóricos, estudantinas, etc., (de que tivemos ensejo de dar pormenorizada nota no nosso número anterior), que tornarão o Carnaval de Loulé, este ano, mais divertido, mais folgado, mais alegre e estufante do que nunca.

A enorme afluência de turistas e algarvios residentes fora da província, que se tem registado nos últimos dias, enchendo hotéis e pensões, juntamente com os que devem chegar hoje, nos comboios especiais organizados pela C. P., fazem prever um extraordinário êxito para as «Bodas de Ouro» do Carnaval de Loulé—onde a «temperatura», a despeito das desanimadoras indicações termométricas, promete «aquecer» suficientemente para distribuir por todos os visitantes, que devem contar-se aos milhares, as melhores e as mais gratas recordações de como se brinca ao Carnaval no Algarve.

Fazemos votos, todavia, para que o tempo, sempre caprichoso e incerto (em especial quando se

trata dos boletins meteorológicos da Emissora, a quem adora fazer pirraças...), não se lembre de qualquer travessura lamentável, que, prejudicando todos os esforços e canseiras da Comissão das Festas, vá lesar o generoso fim que elas servem: contribuir para a obra benemérita do Hospital da Misericórdia de Loulé.

Que o sol, este sol tépido, luminoso e acariciador do nosso Algarve, não falte na rija folia carnavalesca que hoje se inicia em Loulé, rindo nos olhos negros das algarvias, incendiando de tons álcres os carros ricos de imaginação e de beleza, dando pineladas de cor nas nuvens de *confettis* e na emaranhada teia das serpentina—ou cintilando nas «floridíssimas amendoieiras» da avenida José da Costa Mealha!

A valorização turística do Algarve

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

vés de um vestibulo de uso privativo do estabelecimento.

O S. N. I. prometeu o seu apoio ao notável empreendimento que muito valorizará a linda praia de Albufeira.

Quando poderemos noticiar iniciativa semelhante interessando a Praia de Monte Gordo?

ENTRE DOIS FOGOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de dólares para reunir as acções da Standard Oil de New Jersey, ao preço de 50 dólares. Anunciase, em suma, uma mobilização geral dos grandes magnates para impedir a todo o custo a derrocada dos preços. Nada impede que em 29 de Outubro, perto de 16 milhões e meio de acções sejam vendidas, a maior massa de acções que nunca até então tinha sido tratada num só dia e, no fim de Outubro, o valor total das acções cotadas em Wall Street, que era ainda de 87 milhões de dólares no princípio do mês, atinge apenas 71 milhões de dólares. Numa semana, os accionistas dos 240 valores mais importantes cotados em Wall Street perderam 9 milhões e meio de dólares.

A queda não pára aí. Os próprios grandes detentores agravam-na, jogando à baixa, especulando sobre a ruína, depois de terem especulado tanto tempo sobre a «Prosperidade», fole soprado por eles próprios. Um Percy Rockefeller, um John J. Raskob, presidente do partido democrático, jogam à baixa sobre a General Motors, da qual ambos são administradores. Esta tradição dos grandes homens, respeitadas ainda na véspera, personagens de uma lenda muito dourada, cuidadosamente fomentada por uma publicidade em massa, a immoralidade desses homens solícitos, segundo a expressão de Bertrand de Jouvenel, em «amoeirar a depressão tal como tinham amoeirado a prosperidade», desilude cruelmente a classe média. A confiança no regime dominado e simbolizado por tais homens não foi senão mais rápida, mais completamente abalada. E' preciso mencionar aqui pelo menos a derrocada dos «investimentos trusts», fundados para manipular os títulos, colher o seu lucro, revendê-los com benefício da sua alta, repartir o proveito dessas operações entre os seus accionistas: espécies de agrupamentos de especuladores no segundo grau. A sua queda, inevitável desde o princípio da crise, sendo dado o seu carácter definitivo, não constitui um elemento a desprezar no desenvolvimento do pânico.

O activo destes «investimentos trusts», unicamente composto de valores, experimentou uma perda que atingiu em certos casos (como o da Goldman Sachs Trading) perto de 70%.

A crise industrial seguiu de perto a crise financeira. O índice geral, calculado pelo Federal Reserve Board, marca de mês a mês a queda da produção. Estabelecido para umas trinta indús-

trias mais importantes, com relação ao período de 1925/25, tomada como média (100), cobre perto de 80% na produção total dos Esta-

Table with 5 columns: Year (1929, 1930, 1931, 1932) and rows for months from January to December. Values represent production percentages relative to 1925/25.

O índice decresce com uma regularidade quase constante em 1930, 1931 e 1932: 73,9 em Dezembro de 1930, 66,7 em Dezembro de 1931 e 59,5 em Dezembro de 1932. O número mais baixo é atingido em Julho de 1932, com o índice 52,5. Desde o princípio de 1933, manifestou-se uma ligeira melhoria. Mas a estatística do desemprego bastaria para mostrar que a crise está longe de ser dominada. Pormenorizemos um pouco este índice global. Tomando alguns ramos característicos, como a extracção da hulha, a metalurgia medir-se-á melhor a importância da depressão. A extracção da hulha e da linhite atinge em 1929: 552.300 (milhões de toneladas), desce em 1930 a 487.100, em 1931 a 400.700, em 1932 a 522.500, depois sobe ligeiramente, em 1933, a 542.100. A produção do aço bruto que é 57.541 (milhões de toneladas) em 1929, cai a 41.550 em 1930, 26.208 em 1931, 13.600 em 1932.

Para o conjunto da indústria metalúrgica, o índice passa, entre Junho de 1929 e Agosto de 1932, de 155 a 25, marcando assim uma baixa de 85%. O valor dos produtos industriais, que era de 70,5 milhões de dólares em 1929, cai a 41,5 milhões em 1931; baixa de 41,4%. Certas indústrias, como as têxteis, mantêm-se muito de perto: o número dos fusos instalados, entre 1929 e 1932, de 34.829 a 31.709. Entretanto, o valor da produção de ferro e de aço sofre uma diminuição de 55%; para os meios de transporte calculados

Table comparing Germany, England, France, and Italy for 1928, 1929, 1930, 1931, and 1932. Columns: Year, Alemanha, Inglaterra, França, Itália.

A crise europeia, sem atingir as proporções da crise americana (onde a inflação da produção tinha sido muito mais rápida), nem por isso é menos severa.

Hulha e antracite

Table for Coal and Anthracite production in 1929, 1930, 1931, and 1932. Columns: Year, Alemanha, Inglaterra, França.

Ferro e aço brutos

Table for Iron and Steel production in 1929, 1930, 1931, and 1932. Columns: Year, Alemanha, Inglaterra, França.

Desemprego

Table for Unemployment in 1929, 1930, 1931, and 1932. Columns: Year, Alemanha, Inglaterra, França.

Na Itália, em que o índice geral de produção tinha passado, entre 1929 e 1931, de 109,2 a 73, o número de desempregados, segundo as estatísticas oficiais do Ministério das Corporações, variava entre as mesmas datas da maneira seguinte:

Table for Unemployment in Italy in 1929, 1930, 1931, and 1932. Columns: Year, Value.

A ligeira melhoria que as estatísticas de 1933, 1934 e 1935, parecem indicar, sensível, sobretudo, nos Estados Unidos e na Inglaterra, não afecta profundamente o fenómeno da crise mundial. Quer dizer que os «remédios» que se poderiam citar são nacionais. São obtidos, as mais das vezes, graças ao desenvolvimento da indústria de armamentos, e sempre ao preço de um enfraquecimento da divisão do trabalho internacional. As diversas autarquias, o encorajamento dado em todos os países a certas indústrias artificialmente criadas e mantidas, trabalhando em más condições de matéria prima e utensilagem, a protecção rigorosa destas indústrias, traduzem de toda a parte o acréscimo do nacionalismo económico. Há uma regressão certa em relação à divisão do trabalho internacional do mercado mundial, que tinha sido uma conquista progressiva do lucrativismo. Estes falsos «remédios» estão, pois, bem sobre

dos Unidos. Mantém-se em Julho de 1929 entre 113,5 e 110, cai a 106,4 em Outubro, 97,5 em Novembro, 89,2 em Dezembro.

em conjunto (automóveis, aviões, locomotivas, etc.), esta baixa é de 52%; para a indústria de ferramentas, de 53%.

A importância do desemprego é difícil de avaliar, porque o regime de socorros varia com os Estados e mesmo com as municipalidades que se desembaraçam de várias vezes sobre as organizações privadas. Sómente na indústria, conta-se que o número de trabalhadores empregados diminuiu, entre 1929 e 1932, de 26%, passando de 8 milhões e 800.000 a 6 milhões e 500.000. Mais de um quarto dos operários empregados na indústria americana foram despedidos neste espaço de três anos. A massa dos salários industriais, entre as mesmas datas, dera de 11.620 a 7.225 milhões de dólares, ou seja uma baixa de perto de 38%. Os algarismos citados permitem situar já a amplitude deste desastre, tal como a economia lucrativista não o tinha conhecido ainda. Os grandes países industriais da Europa, já submetidos à prova ou mal instalados num equilíbrio frágil, tinham-se virado para a América. A sua sorte estava ligada à dela. Seguiam-na imediatamente na derrocada, como se não esperassem mais que um sinal para declarar, por sua vez, uma desordem mal disfarçada. Sómente em França, onde a prosperidade se instalou mais sólidamente, a crise marca um atraso de cerca de um ano sobre o *krack* de Wall Street. Índice geral da produção industrial:

Table comparing Germany, England, France, and Italy for 1928, 1929, 1930, 1931, and 1932. Columns: Year, Alemanha, Inglaterra, França, Itália.

a via desta «renascença da civilização num mundo limitado» (Pierre Lucins) como a designam certos escritores. Os países fecham-se, uns após outros. Entre 1929 e 1934, o comércio mundial não cessa de decrescer: as importações caem de 65.606 a 12.011; as exportações, de 53.055 a 11.564 (em milhares de dólares-ouro).

Tradução de Mário Silva

DOIS MORTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bem — ele foi orientador e animador do nosso saudoso conterrâneo Manuel Ramirez na obra assistencial que este queria levar à sua terra, interessando crianças e velhos, e que a morte, infelizmente para ele e para a Vila Pombalina, não deixou materializar.

José Rufino fez do seu burgo sórdido, velho e miserável uma terra civilizada. O seu dinamismo, a sua paixão pela «terra-mater» expressou-se numa rajada ciclónica, que levou à sua frente todos os escombros de um desleixo antigo. E simultaneamente criou uma obra assistencial notável, que lhe conquistou a gratidão dos seus conterrâneos.

Luís Alberto de Oliveira, homem que chegou a ser ministro, católico sem fanatismo, republicano convicto, militar apurado, cultuando a delicadeza de um modo verdadeiramente raro — amou entranhadamente a sua terra e arrancou-a à letargia e ao abandono em que se tinha abismado. Voltou, há dias, a Coruche, lá ficando para sempre, ao amparo da saudade e da gratidão dos seus conterrâneos. Ele, como José Rufino, asseguraram, durante algumas gerações, a sua sobrevivência espiritual — aquele raio de luz que o sopra frio da morte não consegue apagar no coração dos homens.

E ficamos aqui a recluir por alguns, sobre os quais a pedra tumular cairá, com a indiferença insultuosa da matéria bruta — sem que da sua lembrança irradie o tal raio de luz que a morte não pode jamais obscurecer. — Job.

AS MINAS DE ALCOUTIM

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das para serem, por si sós, susceptíveis de correcta interpretação. Para as localizar, haverá que adoptar um programa de maior eficiência.

«E' nosso parecer que vale bem a pena dedicar ao assunto a melhor atenção, pois tem de continuar a admitir-se possível a existência de depósitos ocultos nas vastas áreas que separam os jazigos conhecidos.»

Esta a opinião de técnicos abalizados, que não quisemos deixar de arquivar, tanto mais que é coincidente com a suspeita do profano que eu sou neste simpático e proveitosíssimo ramo da árvore frondosa do saber humano.

E agora vejamos o que, há um par de anos e a meu pedido, me comunicou a bondade e a diligência do sr. António Baptista Silva, a quem manifesto o meu agradecimento pelas suas curiosas informações. Diz-nos ele que a partir de Alcoutim, para o lado Norte, acompanhando a margem do Guadiana, há umas serranias onde abunda o manganês. Mais adiante, em Cortes Pereiras, encontra-se o sulfureto de antimónio cuja exploração, em parte, tem sido feita no decorrer dos anos. Ouçamos agora a história desta mina: Há cerca de um século, um indivíduo daquela povoação entretinha-se a cercar uma sua propriedade com um muro, não reparando ou desconhecendo que as pedras que arrancava eram de minério. Deu-se o caso de passar pelo local um espanhol que granjeava a vida comprando galinhas para contrabandear, e reparar que as pedras escuras continham minério. Comunicou o facto ao proprietário, anunciando-lhe que estava ali a sua fortuna e para celebrar o precioso achado

ambos entraram na taberna mais próxima e beberam até cair. Entretanto, um esperto, conhecedor do que se passava, enquanto os outros libavam à sua próxima riqueza, pegou em duas pedras e dirigiu-se para Faro, onde registou a mina em seu nome. Diz a tradição que foi oferecida uma herdade a este discípulo de Judas, de quem o espanhol, justamente indignado, se procurou vingar sem o conseguir, regressando ao seu país, triste e desiludido.

Ignora-se qual foi a primeira empresa que explorou a mina. Sabe-se que foi seu proprietário o espanhol Miguel de los Angeles, que, com os lucros da mina ou porque possuía avultada fortuna, se dava a caprichos extravagantes, um deles simpático: espalhar dinheiro às mãos-cheias pelos trabalhadores, em dias de festa ou de bom humor. Tinha às suas ordens, à semelhança de um senhor islâmico, sete ou oito mulheres que lhe obedeciam cegamente e que, à força de chicotadas, obrigava a tomar banho em conjunto, na sua presença, num tanque que para o efeito construíra. Quando se enfastiava de alguma, casava-a e substituí-a por outra. Este êmullo do depravado marquês de Sade teve um fim trágico: foi assassinado, numa azenha que possuía na ribeira do Vascão e onde ia gozar as suas horas de ócio.

Com a morte deste páxá sertanejo, a mina foi abandonada e assim se conservou uns setenta anos. Os últimos trabalhos ali realizados, há uns trinta anos, estiveram a cargo de uma firma inglesa. Segundo os operários que lá trabalharam, à medida que os filões apareciam eram tapados, fazendo-se pesquisas noutros locais. Dois anos duraram estes

labores, que aos operários se afiguraram misteriosos, findo o que a mina foi deixada em repouso.

Mas não ficam por aqui as riquezas minerais de Alcoutim. Abunda ali sobretudo o cobre, que com facilidade se encontra à superfície nas Ferrarias, que já foi explorada em parte, e na Malhada, onde há indícios de grandes quantidades. O antimónio encontra-se em Santa Justa, e há outras minas menos conhecidas e que nunca sofreram registro.

E o sr. António Baptista Silva termina os seus esclarecimentos com esta afirmação: «Está, pois, provado que Alcoutim, situada entre pitorescas serranias e banhada pelas águas claras do Guadiana, é rica, não só em searas e gados, como também em metais. Resta, portanto, que se faça a sua exploração.»

Parece que, em face destes testemunhos e da opinião dos técnicos abalizados, o Serviço de Fomento Mineiro devia voltar as suas atenções para a pouco conhecida região de Alcoutim. Talvez se lhe deparasse surpresa semelhante à do Serro do Carrasco, importante concentração de pirite assinalada pela prospecção electromagnética.

Esperamos que a nossa sugestão não deixará de ser considerada. — J. B.

Exames de Adultos

Realizam-se nos dez primeiros dias de Março. As propostas devem dar entrada na Delegação Escolar deste concelho, imprevelmente até ao dia 19 deste mês.

Assinal e propaguei «Noticias do Algarve»